



30 ANOS DE POESIA  
EM

+ 20 INÉDITOS OU VERSUS / FABRICADOS COM

+ 20 GRAMAS corrigidas a punho pelo próprio J. A. Correia Martins



**Capa de:**

- 1 — *Graça e João Correia Martins, com a paciência do meu sobrinho Jôni que suportou o tempo que lhe roubamos aos seus.*
- 2 — *José Carlos Sarmiento Pereira como autor da partitura.*

Barcelos, 22 de Dezembro de 1999

Para ser arquivado na Biblioteca  
Municipal da nossa terra.

Julgo ter estudado originalidade entre  
os poetas barcelenses com o automatismo  
psíquico, com que se elaborou "poesia pura",  
na senda de André Breton, nos Salões  
Gratos, [des Verda dize Pesadelos  
Almeida Matriz]

Quanto a erros de linguagem, p. f. consultar:

- «PSICOPATOLOGIA E SAÚDE MENTAL» — Aires Gameiro (dr./prof.)
- «ESQUIZOFRENIA» — Thomas Sahaz (prof./dr.)
- «LA REVOLUTION TRAHYE — Leon Trotsky
- «TROTSKY» — Victor Serge
- «A SUPERIORIDADE MORAL DOS COMUNISTAS» — Álvaro Cunhal (dr.)
- «NEUROSE DE ANGÚSTIA» — João dos Santos (prof./dr.)
- «O NOME DAS COISAS» — Zita Seabra
- «MANIFESTO SURREALISTA» — André Breton
- «ENAMORAMENTO E AMOR» — Francesco Alberoni (prof./dr.)
- «AMIZADE» — Francesco Alberoni (prof./dr.)
- «EROTISMO» — Francesco Alberoni (prof./dr.)
- «O EROTISMO» — Arnaldo Saraiva (prof./dr.)
- «SIMPÓSIO MÉDICO / 1990» — p. f. nas Farmácias
- «BÍBLIA» — Monsenhor Prior — Sacristia da Igreja Matriz
- «DICIONÁRIO FRANCÊS-PORTUGUÊS» — Biblioteca Municipal de Barcelos
- «ENCICLOPÉDIA LUSO-BRASILEIRA» — Biblioteca Municipal de Barcelos
- «LAROUSSE» — Biblioteca Municipal de Barcelos
- «O ENFARTE DO MIOCÁRDIO E AS PESSOAS EM SITUAÇÃO — Rui Mota  
Cardoso (prof./dr.)
- «DICIONÁRIO LATIM-PORTUGUÊS» — Biblioteca Municipal de Barcelos.



Barcelos  
Peru.

**Obras do autor tuteladas pela S. P. A.:**

«*A Seiva*» (conto) — 1973 — Não publicada por ~~absol~~absol<sup>o</sup>eta

«*Estrada para o Inferno*» — 1974 — Romance a publicar

«*A Lágrima*» — 1956-1973 — Colectânea de poesia lírica e ~~absol~~absol<sup>o</sup>eta a não publicar

«*O Soldadinho*» — 1975 — De orientação neo-realista (poesia épica 25/Abril/74 até ao 24/Nov.)

«*É a Bala é um Poema é uma Flor*» — A publicar (de orientação neo-realista)

«*30 Anos de Poesia ± 20 Inéditos ou Versus/Fabricados*» — 1990 — publicada em edição pessoal

«*Inéditos*» — diversos publicados de 1971 a 1983 nos jornais:

«O Cávado» (Esposende) — 1971/72; «O Barcelense» (Barcelos) — 1964/76; «O Jornal de Barcelos» (Barcelos) — 1974/76; «O Vinte e Cinco de Abril» — 1975; «O Barcelos Popular (Barcelos) — 1980/83.

Citação transcrita da revista que é nossa

## AUTORES (ÓRGÃO DA S. P. A.)

«O autor é um «bicho» estranho, pertinente e impertinente terráqueo e, por vezes, maldito, mas geralmente tido como sagrado. Um «motor» que gera múltiplas energias transformadas em imaginário. Uma «antena» privilegiada, capaz de captar milhentas coisas. Um «ladão» subtil que surripia quanto há que lhe pareça digno de nota e que transforma sob uma nova perspectiva, acrescentando ou retirando, ou mesmo invertendo, segundo a sua inteligência, contaminada pelo impulso interior da intuição, capricho ou humor.

O autor é aquele que toma posse, e que faz com que as coisas do mundo pareçam suas, é como um espelho deformador que reflecte até ao infinito, em nuances tão diferentes como semelhantes.

Falar da invenção é ascender ao privilégio daquele que dá ao outro, a parte ou o muito que já era do mundo, pelo filtro que faz com que seja de autor aquilo que pertence a todos.

O autor, sendo público, é o mais solitário dos homens sobre a terra e, no entanto, vive integrado no mundo, a bem ou a mal. É um homem vulgar com um sentido invulgar. Ele é e não é. Ele é sem querer sê-lo. Ele é, por força de uma vontade que o supera. É, porque é dotado. É, porque é marcado. É, porque é predestinado. E, sendo-o, ele é como que absorvido pela própria obra. Deixa de ser ele para ser as suas personagens, deixa de ter vida própria para forjar novas vida, novas histórias e novas coisas.

É, enfim, um deus que cruza nas ruas com gentes de todos os dias, que coabita aqui e além, como se estivesse ausente. Tão ausente quanto a sua presença. Ele está e não está. Está fora dele e dentro de si ou dentro das pessoas, ou da vida das coisas e do que cintila no ar e no espaço.

Não é ele que vai ter com as coisas, são estas que vêm ter com ele. Ele está expectante e aberto, pronto e disponível. Ele exprime o seu «sentir» como a flor abre no jardim, ou canta a ave no bosque.

Não procura quem ouça ou veja o que tenha de força ou de delicadeza, de belo ou de fealdade, de pensamento ou de contradição no que mostra representado, seja ele filósofo, ou músico, ou pintor, ou literato. Ele espera, espera pacientemente como o livro no escaparate, como o quadro pendurado na parede, como uma estátua ao cimo de uma escada, como um «écrã» mágico no fundo de uma sala escura. Espera, como espera uma rosa num canteiro, o sortilégio que faça com que alguém passe, pare e a admire, ou a colha, mas que a respeite integralmente, tal qual veio ao mundo, sem a mutilar, ou a deformar.

O autor, porém, não existe, senão para a flor que o assinala («olhai os lírios do campo...»). Isto é, o autor, pelo dom d'Outro Autor, existe diluído na sua obra, circunstância das circunstâncias, tradição das tradições, elo da corrente de um rio imparável, espelho da vida, reflexo de Deus — com o diabo à mistura!»

MANUEL DE OLIVEIRA

Sobre o dia 22 de Maio, dia do Autor, in *Revista Autores* — Março/90

«palavra...

## I — SALMOS DAS VERDADES E PESADELOS

ah a convulsa pirâmide  
testemunho apontado a deus — no deserto  
dignificado pelo uivo-luz da matéria tabu  
que só ela dá brilho ao alvo açúcar e  
só o velho operário refineiro sabe confidenciar.

... é sangue»

«duas aleixadas...  
(um figaro)

— Portugal mê Portugal  
minha laranja sem sumo  
— de virgem no feudalismo  
«fair' trottoir» no consumo?

— se  
é é?!  
— referendo:  
urge!

... *cavaqueando*  
(um vígaro)

«... *palavra do senhor...*  
(um filho da mãe)

a José Luís Judas  
futuro secretário-geral da Central Sindical Única

extraído o coração aos membros  
os alunos dissecaram-no  
os juízes — de valor — mulheres-senhores das  
verdades todas      computadorizadas em cassette  
cacetaram no seu sorriso com o real martelo  
de silêncio,  
e ele aluno de pedagogia ainda hoje indaga:  
— será assim tão perigoso um coração louco tão longe  
dos judeus?

... *professor sindicalizado n.º 23.121/74, hoje na C. G. T. P.*  
(um filho do pai e da mãe)

«... Olhai os Lírios do Campo...»  
(E. Veríssimo)

oh verdade  
meu carnavalesco paraplégico      na vertical  
passo a passo  
arrastando as quatro rodas do seu maseratti      a sorrir  
oh meio mundo handicapado      a pintar realidades  
nos painéis de vento  
do analfabetismo  
do arame  
oh minhas pérolas lançadas aos mares      demasiado fundos  
demasiado verdes.

«... poeta só é grande se sofrer...»  
(Vinicius de M.)

«...em momento de solidão surge, versus / morte, da obsessão, ...  
(um psicopata)

emergindo da tese-realidade  
o artista age catatónico  
mudo nele  
emanam-lhe do sangue antitéticas formas

sem vertigem sólido  
em viagem anti-ácida sempre apaixonado  
conclui — não consigo amar a dois senhores e continua

sem a lisérgica dietilamida o ter urgido só  
exactamente só espelho do mundo  
sempre entregue à turba — que passa —, louco.

... o amor universal»  
(um surrealista)

«Só o poeta que é médico de si próprio...  
(um homem que se masturbou)

Só

se reflectir permanentemente só  
vasculhando oiro e humus  
só  
com os pneus desgastados pelo todo-terreno  
com os fundilhos gangrenando de escutar novas vidas  
só  
e tão distante da solidão.

... se apercebe sobre o seu vazio de razão»  
(uma mulher que se conhece)

*... o povo português, de tanto viver escravizado...*  
(Otelo S.)

— aos factos hodiernos  
ó dios  
de...  
— Bukharine?

*... tem medo de tomar a liberdade pelas próprias mãos)*  
(de Carvalho)

*«doutorado que fui  
na universidade da esquina...*

aos manipuladores de situações políticas

... ego caçador...

... como vi tordo cego

*... larguei a caçadeira e  
peguei na concertina»*

«... *palavra do senhor...*  
(um fariseu)

Ao S.I.S., à CIA, ao MOSSAD, à Judite, aos bufos,  
à polícia particular dos paranóicos, etc.

— a conversão da santa Rússia  
caríssimos irmãos  
«bê-de-la»

— ao «~~komenismo~~» «*Khomeinismo*»?

... à mãe»  
(uma solteira)

*«mais vale viver só num canto do eirado do que  
com uma mulher iracunda...*

(Evangelho seg. S. Mateus)

A Leon Trotsky que urge  
repensar para evitar sangue

- os nevos que ambos somos no  
mesmo lado das nossas ambas testas  
*la* da «Revolution Trahie» a ambos ter urgido  
Gorbi
- ou nem o teu deus  
terá lugar para ti no inferno dos dementes e  
muito menos no azul fábrica dos  
traidores

«e p'ra não invocar CHE em vão...

à «velha senhora» ainda viva  
no tabu clerico-social

- Há fogo!  
grita a ti domingas aterrorizada  
abrindo a boca  
qual caverna desdentada      lançando lava  
que caindo  
logo algo empederniu
- fogo! fogo!  
berra a velha destravada      correndo aos saltos  
agarrada a um pau      corcuvada  
por entre as sebes do jardim  
derdejando sobre nós o olhar  
de jamais copulada
- fogo! fogo!  
veio o povo todo a correr  
e deu connosco quase a arder
- fogo! fogo! fogo!  
raio da beata frustada  
mais a mãe que a pariu.

... valha-nos S. Freud»

«Sá de Miranda introduziu o soneto romântico...»  
(um historiador)

Sa

às calúnias dos  
invejosos da arte

Boisinhos a arfar por histéricas cornetas  
dobram. E, gargalham rebos de mui pesar  
na hora d'el mijo — defecando impotências  
por excesso de anus: hora de verdad!

E o tónus das goelas ungidas com esmegma  
estoira as ampolas de cheirinho a saudade.  
E abraça o maldito. E o maldito sem culpa.  
Pinchazzos de latrina! Em queda do tostão!...

Ruídos de calos dinamizam danças  
em sprays de stéreo! E a gaivota de luces  
crava uma farpa no fino saber...

.....  
.....  
.....

«... também na idade média o cabeleireiro era o doutor»  
(um inconveniente)

«por deontologia de hipócrates só posso diagnosticar-lhe demência precoce...

(um eunuco)

aos magos do anti-psicodrama

.....

— Tenho de te elucidar, Zuleika:  
o pior da tua maleita é nunca veres o sol,  
é estares de malas feitas a caminho de Belzebu,  
se mensalmente não fores seringada no cu por mim,  
mago Anatensolius, ou por meu delfim Aldolius;  
pois tu, menina, além de teres o sangue deficiente de serotonina,  
para seres normal, terás de ter portar como minha esposa  
Geraldina que é pacata, obediente e, desde criança, não mente ao  
senhor prior como fazes tu...

— Mas Senhor, você snifa dopamina da sua mãezinha, e, como  
todos os magos, a gente sabe, rouba um charro de acetilcolina  
à sua cara-metadezinha e eu já estou a ficar fotina com esta  
rotina de vir de três em três meses largar a minha notinha  
na sua consultinha, e, ainda por cima você me quer  
cravar uma farpa no nadegueiro em festa brava mensall...

— Mas, menina...

— Não! Cale-se. Deixe-me agora pensar: a estatística ensina,  
quem mais abraça Mefistófeles, por não aguentar o sol de  
todos, é, primeiramente o barão de branco que mete o indicador  
para ver se a gente bina e — diz o louco da esquina — que é por ~~desiquilíbrio~~ *desequilíbrio*  
de serotonina; em segundo lugar # dizem as ciências por vós ocultas — que  
os sequentes no gráfico da passagem para Brazabum, os que voam dos  
sétimos andares para o Além, são certos varões da psique fina, por razões  
de família que não ensina.

— Mas, menina, esses é por stress da medicina, não por maleita de herança,  
de família que ambiciona brasão, Rolls-Royce e piscina...

— Mas que raio de confusão é esta, em que o senhor é  
que sempre se põe e a gente é que sempre se deita?!

— É que a estatística é uma ciência imperfeita, menina...

— É é! A vossa ciência de dominada pela cocaína exige agora  
sempre maleita dos que gostam da concertina. ....

.....

... ou «ESQUIZOFRENIA»  
(Thomas Sahaz)



II — LADAÍNHAS DAS REALIDADES EM ANALEPSE

«O louco da minha rua  
riu-se da revolução popular.

Mas não ficou satisfeito:  
fez espavento na praça!

...E arrancou uma cruz do peito!...

Numa mão uma foice brilhava...  
Mas n'outra era o martelo candente!...

... Seu calmo olhar gritava  
Revolução Permanente!!!

E juntou-se muita  
muita gente!...»

Barcelos, 25 de Abril de 1974

e reli:

«Anseio galgar os montes  
sorver toda a água das fontes  
e rebolar-me por pinhais

sangrar-me em silvas e cardos  
desdobrar-me em peobardos  
e correr sempre mais

camuflar-me com mimosas  
e disparar cravos e rosas  
no peito de toda a gente

*e em caminhos* ~~caminhitos~~ sem asfalto  
*ver* ~~e os~~ homens sem pé descalço  
a lançar muita semente

ter rimas sempre a surgir  
muito vinho que há-de vir  
e carradas de pão loiro

esquecer paixões e guerras  
e divulgar por essas terras  
que só o trabalho é tesouro

ter mente punho e ter unhas  
quem saiba minar as cunhas  
da engrenagem já sem dente

muita ideia-força e frase  
prá frente ninguém as atrase  
já que o povo está doente

ter encantos de ciganos  
mas deixar de ser mundano  
e amar alguém mais que a mim

ser ~~o~~ rei e senhor desta ~~trampa~~ *banca*  
vender cornos feira franca  
e cortar toda a erva ruim

ver povo novo e o já velho  
negro amarelo ou vermelho  
mas só o suor a render

as foices a ceifar bem  
martelar a música num requiem  
e todo um povo a reger».

Esposende, Maio de 72

e daí

*reflecti...*

«A pequena burguesia, só depois de suicidar-se  
como classe pode ser o sucedâneo da vanguarda  
revolucionária».

*«Amílcar Cabral»*

«Eu sou sangue, sangue burguês;  
veio de meu pai e de minha mãe amados  
e é o dos meus irmãos

sangue igual ao de muitos vós.

Mas eu quero que primeiro jorre o meu sangue,  
que depois, um a um, chegará a vossa vez.

E quando este sangue, impuro e doente num dia de sol,  
Se extravasar de mim,  
Serei homem exangue a pedir transfusão:

Pedirei sangue às prostitutas,  
Aos operários a prazo  
Aos jovens já rotulados  
Até aos mortos pela fascista guerra;  
Sangue esse, que com alegria todos me darão!

Então serei puro, então serei homem, então serei gente, veraz militante  
P'ra que não jorre mais sangue nesta sanguinária estagnação.»

Porto — Agosto 73

*...e procurei, dia a dia,  
cumprir*

*intervir, mas...*

«Cá no cimo panorâmico do meu octogésimo andar  
acorda-me o tremelicar das crianças pela rua, nos baixios,  
ainda é noite e são sete da matina,  
porque criança, muitas vezes o leitinho me ia à cama, com manteiga  
mais o pãozinho, muitas vezes, e bem passava — velhos tempos! — já das sete da matina.

De cá de cima do meu prédio com elevador  
limpo o nariz farruscado das crianças  
e amargo o seu hálito feito de álcool a orlar  
pela escadaria seus cabelos de odor a fumo,  
porque criança, no automóvel, amiúde me faltava o ar,  
ou fumava charros barba-de-milho para chatear a minha mãe  
pois na quinta, haxe, aos nove anos, não havia.

Cá de cima, protegido dos elementos, olho o vento  
a fazer calar os estudantezitos  
arrumando-os em pavilhões como pintaínhos proibidos  
de cantar mais alto que a galinha.

Cá de cima, e em dias de nuvoeiro,  
ainda vislumbro aquele mostrengo de há trinta anos,  
sistemizado em alegria das crianças  
que mal nascia logo morria num só dia,  
dia chamado de natal dos pobrezinhos.»

Barcelos — Maio, 83

*... porque, — não pactuando, mas triste — continuarei a ver*

*além douanes...*

*«Derramavam»* Derravam sangue pelos seus vértices,  
sobre lábios vampiros de verdade,  
esses negros olhos, tão vítreos, a florir olhos pelos dedos!

Naquela noite desaguada em luz  
Sacré Coeur via Montmartre.

E duma saliva candente, iam surgindo Aztecas, Maias e mais Gentes  
pela lua burguesa das meretrizes a benzerem-se  
e dos proxenetas catapultando moedas sobre os pintores  
da noite, em Montmartre!»

Paris — Junho, 83

*... a mesma merda a feder,*

*logo que as lágrimas...*

ao meu filho Nuno

«Não tenhas pena meu traquina  
desse cara que aquece e incha  
e enrubesce à falta de amor:  
desse dar à luz que só tu.

Salta essa fasquia da vida  
e amanhã voas mais alto  
num azul azul de traquinas  
onde nem sequer há fasquias.

Salta. Corre e salta traquina  
que amanhã não haverá loucos  
— Não tenhas pena dos loucos —  
pois os loucos são o amanhã.

Não vês que o cara não chora?  
Até faz cara de mausão  
quando cospes no chão  
e logo a seguir faz-te rir.

E quando te sovam e choras  
não dá murros no ar rente a ti?  
E se emperras em não comer  
não rosna e trinca até rires?

Corre corre meu traquina!»

Famalicão — Maio, 87

*...se soltaram,*

à Sara, minha afilhada

«Criança amiga, meu amor,  
teu olhar funde o mais xistoso ser  
pois tu sabes tudo embeber de ternura e  
tudo adormecer nas hidranjas do canteiro  
Teu corpito, em desequilíbrio pelos ventos  
químicos da verdade, mais uma vez me faz  
voltar a ti, a ser menino, compreender as  
pessoas e escacar deuses e idólatras!...  
Teus aflitivos dissílabos recordam-se a  
garganta mais um garrote no futuro, sempre  
que acenas um porquê aos barcos ancorados,  
lá longe, a esconderem-se na bruma,  
para à noite, licenciosos, rasgarem os céus  
com os mastros fecundando a lua, que só promete.  
Teu palpitar de avezinha ferida irriga-me  
em todo o meu <sup>Asmo</sup>sono e assim eu pedalo,  
protegido do frio pelos teus cabelos de  
sal, humedecidos nas minhas faces  
crestadas de enfrentar a sorrir  
os deuses e os idólatras desta margem.»

Esposende/12 Agosto 1982

*...a quem me inspirou,  
na hora exacta, agradeço.*

Composto e impresso:  
Companhia Editora do Minho  
BARCELOS



## ERRATA

Página	Linha	Leia-se:
4	2	...obsoleta
4	4	...obsoleta
4	10	...Abril/74(Barcelos)
8	3	...a José Luís Judas...
8	4	...Central Sindical Única`
12	2	(Otelos S.
12	6	...Boukharine...
12	8	de Carvalho)
14	8	...«Khomeinismo?»...
16	3	...clérigo-social...
17	1	— romântico!!!...
18	25	...lugar dizem — as ciências...
18	34	...cacaúina...
19	6	transpondo arranha-céus...
21	8	e correr sempre sempre...
21	27	...cigano
21	37	mart'lar...
23	6	passavam — velhos tempos...
24	2	«derramavam...
25	8	amanhã já não...
25	13	— Não! Não tenhas pena...
25	15	Não vês que o cara já não chora?
25	17	quando vais e cospes...
25	22	vai e não rosna...
25	23	Vem! Corre corre...
26	10	...recordam-me...
26	17	...somo...

VER NE ANOR OH NINA TOE EN NIN BRERH - DA  
 PRA TI SEI BEM O DONATO VA - LEANTINA VI - DA

CANECUNSO TI HO QUE ME VEM FLOE SE NENITE EN TI  
 FOLDE ANOR NOSA SUREI - DA  
 NAO VAS EN BR - BA SERA A BODA A VE FE

RI - DA PARA VOAR PRECISO ASAS NESTA  
 I - DA NESTE NEU  
 PUNHO DE FICHA - NA DE TAMBORA A - NOS SÓLDADO TPA

NIN E TADA TT PAUA COUIT - DA  
 SE AMADA DUDA SEMPRE SEMPRE  
 MOITA PRO PAZ E LASCER VER VESTIDAS IM NA MINHA

NAO GREGOS NHO SOBRE BRAGA E A CUPA D'ORNA VE NEU ANOR EN NENITE CE JA BANDEIRA DA NOSSA VI - DA

MORADA - RUA DA MADALENA Nº 31  
 4750 - BARCELOS  
 TEL. 82778

biblioteca municipal barcelos  
 27059  
 30 anos de poesia em + 20 inéditos ou versos / fabricados